

Para o bem ou para o mal

Cuidado, é frágil

Nesta minha vida de publicitário, que começou bem cedo, aos 18 anos de idade, e que já vai bem longe agora que estou a menos de um ano de completar 70, tive a oportunidade de conhecer e conviver com os mais diversos tipos de clientes, a maior parte deles bons profissionais, que me possibilitaram inúmeras chances de criar trabalhos que acabaram se tornando conhecidos do grande público.

Evidentemente, cada um desses profissionais tinha um tipo de formação, diferentes sonhos e ambições, mas, curiosamente, dois deles, apesar de serem de épocas distintas, eram impressionantemente parecidos entre si: Mário Chamie e Luiz Fernando Brandão.

Conheci Mário Chamie no meio dos anos 1970, quando ele dirigia o marketing da italiana Olivetti, e conheci Luiz Fernando Brandão no meio dos anos 2000, quando ele era o responsável pela comunicação da brasileira Aracruz.

O primeiro traço em comum entre os dois é que eles pareciam torcer para que o trabalho que eu fosse apresentar nas nossas reuniões tivesse brilho e estivesse absolutamente certo. Apostavam nisso e jamais faziam críticas desnecessárias ou destrutivas. Seus comentários eram sempre elogiosos e, na maioria das vezes, acrescentavam algo de útil para o aprimoramento do trabalho.

Até mesmo quando o conceito não era absolutamente brilhante ou pertinente, fato comum nas relações cotidianas entre agências de publicidade e seus clientes, ambos tinham a preocupação de observar o lado interessante que poderia existir

naquela ideia e alguma possibilidade de ela ser mais bem trabalhada.

Evidentemente, clientes assim são raros e são os clientes dos sonhos de qualquer publicitário.

Mas a outra característica em comum entre Chamie e Brandão que sempre me encantou era a adoração e o fascínio que eles tinham pela leitura e pela escrita, algo que eu também sempre tive, e que certamente foi fundamental nas nossas vidas.

Apesar de vorazes leitores de absolutamente tudo, e ambiciosos escritores de qualquer tipo de narrativa, Mário Chamie e Luiz Fernando Brandão sempre tiveram predileções assumidas e diferentes – um sempre foi mais da poesia e o outro sempre foi mais da prosa.

Quando conheci Mário Chamie, ele já era conhecido nos meios intelectuais como ex-adepto do grupo que lançou a poesia concreta nos anos 50, liderado por Augusto de Campos, Haroldo de Campos e Décio Pignatari, e criador da Poesia-Práxis, em 1961, depois que rompeu com os concretos.

Quando conheci Luiz Fernando Brandão, ele já era reconhecido como competente tradutor de romances de grande fôlego.

Convivi com Mário Chamie até a sua morte em 2011, aos 78 anos de idade, quando ele ainda era uma figura ativa na vida cultural da cidade de São Paulo.

Convivo com Luiz Fernando Brandão desde que trabalhamos juntos para a Aracruz até os dias de hoje, quando ele me dá a honra – ou me cria o problema – de ter que escrever algo sobre este *Para o bem ou para o mal*.

Me recordo perfeitamente quando, alguns anos atrás, Luiz Fernando me disse que pretendia se afastar do mundo empresarial e dedicar a maior parte do seu tempo à literatura.

Nesse dia, ele me contou que estava começando a trabalhar num livro a partir de uma ideia que havia tido depois do atentado nas Torres Gêmeas em Nova York, imaginando aqueles que escaparam da morte pelos mais diferentes motivos.

Achei a ideia instigante, mas sinceramente não imaginava que ela pudesse se transformar em puro realismo mágico, interligando personagens que Luiz Fernando certamente extraiu da mistura da sua boa memória com a fertilidade da sua imaginação.

Estão claramente presentes, neste livro, vivências do autor como pessoa física e como pessoa jurídica.

Sei que Luiz Fernando gosta do raciocínio de que o livro propõe “uma reflexão sobre a relativa fragilidade do julgamento humano, dada nossa absoluta incapacidade de conhecer, em toda a sua dimensão, os efeitos de nossos desejos, palavras e ações no tempo e no espaço, sejam para o bem ou para o mal”.

Mas o que mais me encanta neste livro é que essa intenção do autor fica clara para todo e qualquer tipo de leitor, desde os mais relaxados até os mais tensos, desde os mais simplórios até os mais pretensiosos.

Não tenho dúvida de que o exigente e seletivo Mário Chamie, que, entre outras coisas, foi também prestigiado crítico literário, dedicaria ao *Para o bem ou para o mal* os seus breves, concisos, mas sinceros elogios.

Washington Olivetto

1

Entre apreensivo e curioso, com o corpo molhado de suor e as bochechas vermelhas, o moleque de uniforme xadrez sobe a imponente e lustrosa escadaria de madeira escura. Esforça-se para seguir o irmão Maurício, que galga os degraus com vigor surpreendente para a figura roliça, deixando no rastro o ranço familiar de um corpo abafado do pescoço aos tornozelos sob a batina no calor tropical.

Seguem para a misteriosa clausura dos religiosos, no terceiro andar, motivo de comentários maliciosos entre os alunos mais velhos que Diego tentava, sem sucesso, decifrar. Até aquela manhã, pelo menos.

No aposento minúsculo, iluminado apenas por uma lâmpada de teto e quase todo ocupado pelas duas camas beliches alinhadas ao longo de cada parede, o agora animado irmão convida o menino a se sentar, enquanto se acomoda na cama em frente e vasculha a gaveta da mesinha solitária sob a janela aberta para o pátio, que serve como escrivaninha e criado-mudo. Ele busca os apetrechos de costura para remendar as calças curtas do garoto, descosturadas em um espacate involuntário, durante a pelada com chapinhas de refrigerante no pátio do colégio.

“Como é que você foi se rasgar todo assim, Dieguito? O que é que sua mamãe vai dizer, vendo o filhote chegar em casa com as coisas todas de fora? No mínimo, que a gente não cuidou direito de você. Passa pra cá essas calças, que vou tentar dar um jeito.”

O menino hesita em se despir, pois, como sempre – apesar da insistência da mãe –, saiu de casa sem cueca e não quer ficar pelado

diante do padre. Arrepende-se da desobediência. Irmão Maurício insiste, agora em um tom de voz diferente, entre a provocação e o escárnio.

“Qual é o problema, garoto, tá com medo de mostrar o pintinho? Aposto que é tão pequeno que não dá nem pra ver. Deixa de frescura, vai, passa pra cá essas calças que não tenho todo o tempo do mundo pra perder com você.”

Diego cede e entrega a roupa com uma das mãos, tentando se cobrir com a outra. O padre parece se divertir com a situação, o que faz o menino sentir-se ainda mais humilhado. Com o rosto baixo e pressentindo algo estranho no tom de voz do adulto, reza para que aquilo tudo acabe logo. O irmão se inclina para a frente e tenta alisar sua perna, deixando bem clara sua intenção.

“Você não tem que sentir vergonha nenhuma do seu corpo, garoto. É tudo perfeito, criado por Deus. Deixa eu só dar uma espiadinha pra ver se está tudo no lugar, deixa...”

O menino junta os dois joelhos e se encolhe contra a parede, acuado, fazendo o padre perder a paciência, visivelmente irritado.

“Se você vai ficar de frescura, largo isso aqui e te mando de volta pro recreio todo rasgado. É isso o que você quer? Deixa eu ver esse pintinho aí, não vou machucar, só quero examinar. Mas se você for bonzinho e deixar eu pegar, aí vai ganhar um presente. E isso vai ficar só entre nós dois, tá?”

Apavorado, o moleque não pensa duas vezes: põe-se de pé num salto, arranca as calças das mãos do atônito irmão Maurício e foge do quarto, correndo em direção às escadas. No silêncio quase completo do imenso corredor, alcança o patamar e toma um susto ao dar de cara com a estátua de mármore, em tamanho natural, do santo padroeiro do colégio, em cujo olhar julga perceber uma estranha mistura de cumplicidade e censura. Veste as bermudas do jeito que consegue, enquanto desce ofegante a escadaria, confuso e

com um vago sentimento de culpa, mas aliviado quando chega ao térreo.

Em casa ou entre os colegas, não comenta o episódio, mais para esconder a vergonha do que por qualquer outro motivo. Mas à noite, na cama, as imagens insistem em se apresentar, o olhar enigmático do santo, sobretudo, perturbando o sono do garoto. Tudo tão diferente do filme *Marcelino, pão e vinho* exibido no colégio poucas semanas antes, que o deixou com os olhos cheios de lágrimas pela pureza e devoção do menininho que conversava com a imagem de Jesus. A mesma inocência que ele tinha acabado de perder, em questão de instantes, por obra do assanhado homem de Deus.

2

Aquele ritual simples era das poucas coisas que, por trazê-lo de volta à condição humana, davam-lhe algum prazer na rotina cada vez menos suportável. Curtia o cheiro da graxa e do solvente, a carícia ritmada das escovas sobre o peito do pé e, sobretudo, na etapa de acabamento, as vigorosas flaneladas aplicadas pelo artista, a fim de extrair o máximo fulgor dos sapatos pretos de amarrar, sob medida, um dos três pares idênticos que possuía.

Manter os pisantes impecavelmente limpos e lustrosos era parte do ofício, um cuidado que ele não só seguia à risca, como esperava ver respeitado pelo seletivo time de gestores financeiros sob sua batuta. Afinal, como administradores de portfólios de oito dígitos e além, ao atuarem em um dos estabelecimentos mais tradicionais e bem-sucedidos de Wall Street, deveriam expressar, começando pela aparência pessoal, os atributos de sucesso

definidos pelos fundadores 150 anos antes: discrição, impessoalidade, austeridade, segurança e eficiência no trato do dinheiro, fosse próprio ou de terceiros.

Todos usavam uniforme básico, com tímidas variações. Ternos lisos ou risca de giz e sapatos pretos ou marrons (sempre escuros), acompanhados de camisa branca, bege ou azul-clara de colarinho alto, gravata em cores e padrões igualmente neutros. Os veteranos faziam questão de preservar o visual de três, quatro décadas atrás. Os mais vaidosos tentavam compensar a sobriedade incorporando ao figurino suspensórios, alfinetes de colarinho, lenços coloridos no bolso do paletó e adornos similares. Dos gênios financeiros da nova geração, que a casa tudo fazia para atrair e manter, eram tolerados ternos de corte italiano, camisas de cores mais vivas, gravatas estampadas, abotoaduras e prendedores de gravata criativos, entre outras pequenas transgressões.

Barcos, carros e relógios de luxo por sinalizarem, sem margem para dúvida, a desejável competência em enriquecer, eram de certa forma estimulados, desde que “exibidos com moderação e utilizados, tanto quanto possível, no interesse dos negócios”.

Mas não era só pelo prazer do olfato e do tato que interrompia seus afazeres para embarcar no único e exclusivíssimo elevador expresso da torre e descer os mais de 80 andares, toda terça-feira, às oito e meia da manhã em ponto. Até porque seria bem mais prático ter o serviço feito dentro do escritório.

Aqueles 20 minutos semanais na cadeira do simpático e bem-humorado engraxate, de quem sabia pouco mais que o nome, funcionavam como terapia informal de excelente custo-benefício. Primeiro, pela oportunidade de ficar longe – mesmo que por curto período – daqueles abutres arrogantes, superficiais e insaciáveis, com seu linguajar ridículo e relógios complicados. Depois, porque descer até o térreo, ouvir as buzinas, sentir o cheiro da rua e ver gente de verdade tocando suas vidinhas banais dava-lhe o estranho

conforto de saber-se mais do que uma simples máquina de calcular.

Dentro do escritório, acompanhava o noticiário e o movimento das bolsas de valores em imensos monitores e a cabeça não parava de engendrar: fusões, aquisições, mudanças de controle acionário, crises políticas, desastres ambientais e previsões climáticas imputados, em tempo real, com as variações de preço das ações, ativavam complexas cadeias de sinapses cerebrais prontamente traduzidas em índices, múltiplos e projeções que realimentavam sua prodigiosa capacidade de multiplicar riquezas.

Pelo menos duas vezes por semana tinha a agenda reservada para reuniões com os clientes especiais, principais fornecedores da matéria-prima da casa. Bem cedo pela manhã ou no final da tarde, antes ou após o encerramento do pregão em Wall Street, sentava-se com emissários de *sheiks*, ditadores, políticos e empresários dos cinco continentes – e certamente também do terrorismo, do narcotráfico, do contrabando de armas e de outras modalidades do crime organizado –, todos igualmente recebidos como lordes. Reuniões chatas com finais previsíveis que aturava por não ter outra escolha: afinal, ajudar os clientes a aumentar suas fortunas e, no processo, a dos acionistas do banco e a dele própria era seu ofício, e o palco onde brilhava. Lucro ou prejuízo, vencedor ou perdedor, esta era a história de vida de Robert White Sherman, mais conhecido como “Bob, o Matemático” nos círculos da grana preta.

Sobretudo em virtude de acontecimentos recentes, achava mais gratificante o breve convívio com aquele jovem engraxate do que as emoções do carrossel financeiro. O moreno miúdo com os braços cobertos de tatuagem, tênis cano alto e boné de *rapper* sempre tinha alguma tirada inteligente para alegrar o executivo.

“Você sabe o que o cara respondeu quando perguntaram como é que ele tinha ido à falência?”, provocou Carlos,

interrompendo os devaneios do cliente. “De duas maneiras: aos poucos e, então, de repente.” Esboçaram uma risada que não chegaram a completar, surpreendidos pelo estrondo bem acima de suas cabeças e os olhos arregalados dos passantes voltados para o alto.

3

“Veja só que sucesso nós somos e o tanto que conquistamos, Zaíra: agora, é só pra frente e pra cima!”, recitou em voz alta, como fazia todas as manhãs, diante do espelho, ao maquiar o rosto perfeito e se preparar para abater o leão do dia. Naquela manhã, em particular, com os olhos vermelhos e inchados pela noite passada em claro, repetiu a conjuração, porém com a voz um tanto trêmula, sem a firmeza de costume. Tinha razões de sobra para sentir que o sucesso duramente conquistado começava a escapar como areia fina por entre os dedos.

Escondida por imensos óculos escuros, dormitou no banco traseiro do carro durante os trinta minutos do trajeto até o escritório, tentando recobrar as energias. Afrânio estranhou o silêncio, mas permaneceu calado; normalmente, a patroa não tinha frescura e gostava de um bom papo, de igual para igual. Doutora Cátia era bem diferente dos colegas dela – todos uns grandes babacas, na opinião unânime dos motoristas da diretoria, além de fontes inesgotáveis de informação fresca (não raro, confidencial) que ele, um puxa-saco de marca maior, se apressava em repassar para a chefinha gente fina e, ainda por cima, gostosa *pra dedéu*.

Por mais de uma vez, em conversas na copa, Afrânio tinha ouvido comentários de que as secretárias do conselho e da

diretoria eram as pessoas mais bem informadas sobre o que rolava na firma. É que ninguém tinha noção do grau de imprudência dos executivos, quando na clausura refrigerada de suas caminhonetes blindadas. Indiferentes aos riscos de vazamento e infringindo regras básicas do bom senso, trocavam entre si e pelos celulares, além de amenidades e muita putaria, conversas de alto teor explosivo. Iludidos pela arrogância, agiam como se o motorista fosse mera extensão do veículo e, como tal, cego, surdo e mudo a qualquer coisa que não dissesse respeito ao trânsito. Ledo engano.

Na cabine do elevador exclusivo do prédio da empresa – uma torre espelhada, de gosto duvidoso, que ocupava um quarteirão dos bons na Avenida Faria Lima –, encontrou justo a pessoa que ela menos pretendia ver, no mínimo até sentir-se satisfeita com a narrativa em construção dentro de sua cabecinha fervilhante: seu colega e, até as coisas começarem a desandar, companheiro de cama e mesa, o diretor financeiro e de relações com o mercado, Adhemar Bontempo.

A dupla trocou rápidos cumprimentos e logo cada um tratou de grudar os olhos na tela dos respectivos celulares, tentando evitar o tema que estava abalando de vez sua antes promissora e hoje embaraçosa intimidade. Mesmo de cabeça baixa, a executiva percebeu, pelo canto do olho, que Adhemar a examinava com a costumeira indiscrição e, como sempre, satisfeito com o que via. E ele tinha bons motivos: aos 42 anos, Cátia Ferrão, vice-presidente de assuntos corporativos para a América Latina na Cronus, uma gigante global em sementes, fertilizantes e defensivos agrícolas, era uma linda mulher.

A Número 1, como era conhecida nos galhos inferiores da árvore hierárquica, não era alta, loura, nem tinha olhos azuis, como costumam ser as fêmeas perfeitas no imaginário da maioria dos machos tropicais. Com 1,65 metro, possuía a pele bem morena e fartos cabelos castanhos cacheados, cortados à altura dos

ombros, que combinavam à perfeição com os olhos entre o verde e o amarelo intensos; o nariz pequeno e levemente arrebitado; a boca de lábios generosos, quase oferecidos. A formosura do rosto, acentuada pela pinta negra saliente na maçã esquerda, se estendia ao corpo, enxuto de nascença: seios fartos e firmes, pernas bem torneadas e bumbum empinado. Em resumo, como diziam seus não poucos admiradores do baixo clero da companhia, “a doutora Cátia bate um bolão”.

Já entre os poderosos, grupo no qual era a única mulher em cargo de direção, tinha o apelido de Cigana, que ela não só conhecia, mas apreciava e por boas razões: o trunfo secreto de seu sucesso profissional era uma entidade do outro mundo, a pombagira Zaíra.

Desde menina, Cátia costumava brincar com uma amiga invisível, mas seus pais não a levavam a sério, criança mistura mesmo realidade e fantasia. Só a avó, *doña* Consuelo, uma galega de Santiago de Compostela que era familiarizada com as coisas do oculto, logo entendeu do que se tratava, mas preferiu não interferir e deixar o tempo cuidar de tudo.

Em Campos, onde a garota nasceu e foi criada, o pai era administrador de uma usina de açúcar que acabou desativada e, há gerações, pertencia a uma família de galegos cuja fortuna estava em franca decadência. As boas notas na escola, a fluência precoce no inglês e o gosto pela leitura, tudo isso era devido à insistência da mãe, sempre aflita com o futuro da filha. Do pai, herdou a mania de organização e os modos de feitor – sabia mandar. Inteligente e ambiciosa, tão logo terminou o curso de Jornalismo em Niterói, saiu em busca de emprego no Rio, pois retornar às origens estava fora de questão.

Arranjou trabalho em uma emissora de TV, onde em pouco tempo aprendeu a complementar a voz quente, melodiosa, ligeiramente rouca, com os melhores ângulos de seu esplêndido

visual. Já tinha chegado a apresentar meia dúzia de edições do telejornal local quando chamou a atenção de um poderoso da emissora, que a convidou para testes. Saiu-se olímpicamente no vídeo, mas refugou o sofá – não havia feito tanto esforço para vender o *corpicho* de forma tão banal.

Frustrada e sem perspectiva, retornou a contragosto para Campos. Lá, conseguiu emprego em uma rádio, onde começou como repórter-redatora e se tornou locutora. Apaixonou-se tola por um colega casado, um perfeito boa-praça-sem-caráter que, seguindo o roteiro previsível, meteu-lhe um filho, convenceu-a a abortar e roeu a corda, destruindo de uma vez por todas a ambição de um dia ser mãe ou encontrar o príncipe encantado.

Cátia só veio a conhecer a identidade da amiguinha de infância e constatar que herdara a mediunidade da avó já aos 30 anos de idade e de forma inusitada, para não dizer vexaminosa. Dura, com dificuldade cada vez maior em arranjar trabalhos avulsos e enrolada com as contas a pagar, cismou que alguma urucubaca estava fechando seus caminhos – nesse campo, aprendera uma coisinha ou outra com vovó Consuelo. Empanturrada do pão que o diabo amassou, arrependia-se de não ter aberto as pernas para aquele barrigudo pegajoso, fedendo a goró e com o nariz sujo de branco. Tudo poderia ter sido bem mais fácil.

Em viagem a Salvador com uma amiga, depois de encherem as cuícas de cerveja e pinga, resolveram consultar um pai de santo. Foi só entrar no terreiro e ouvir os cânticos e atabaques para Cátia começar a passar mal: tontura, desorientação e uma tremenda dor de cabeça. Um filho de santo mais atento percebeu o que ocorria e levou a moça para uma tenda, onde Zaíra se manifestou pedindo suas roupas para dançar. Já devidamente a caráter com vestimentas e adornos que não tardaram em arranjar, a pombagira

bebeu no gargalo e de uma vez só quase meia garrafa de espumante, pitou a cigarrilha e se pôs a rodopiar, às gargalhadas, durante um tempo que pareceu infinito para a companheira – a essa altura, não menos abalada.

Ao final da incorporação, Cátia não cheirava a bebida, não se lembrava de nada e ficou chocada ao ouvir a história. Mas, a partir daí, com a ajuda da cigana Zaíra, sua vida mudou. Poucos meses depois da visita ao terreiro, seria convidada, por indicação de um conhecido, a participar de um processo de seleção em uma grande multinacional do agronegócio. Foi quando tudo começou: o destino lhe trazia de bandeja uma nova oportunidade e, dessa vez, ela estava decidida a fazer o que fosse necessário para sair da pindaíba e nunca mais retornar.

E caprichou tanto que, no incrível intervalo de apenas oito anos, tornou-se uma executiva muito bem-sucedida. De início, ralou como assistente da gerência de comunicação da empresa. A equipe, raspada até o osso ao longo de sucessivas e infindáveis “reestruturações” – batizadas de *downsizing*, *streamlining*, *reengineering* e outras pérolas do eufemismo cunhadas pela bíblia de negócios da ocasião e vendidas como “medida indispensável para assegurar a liderança da empresa nos cada vez mais competitivos mercados globais” –, era ridiculamente mal dimensionada para o desafio a que se propunha.

Sua chefe, uma profissional com 20 anos de empresa e nervos esgarçados pela pressão incessante por resultados crescentes, apesar dos recursos humanos e financeiros minguantes, se virava para dar conta do recado. E até que conseguia, mas à custa de um desgaste político irreversível entre seus pares e, sobretudo, pela imposição de uma pata de chumbo sobre os subordinados, por quem era simplesmente detestada.

Cátia logo mostrou a que veio. Energizada pela ambição e pela certeza do final feliz, invariavelmente chegava mais cedo e era

*image
not
available*

ostensivamente os realizadores e não tolerava desculpas: “Não me interessa se o pato é macho, quero ver o ovo!”. Não exibia o menor constrangimento em clonar boas ideias e colher sozinha os frutos da inteligência alheia: “Escrúpulos são para os fracos”.

Sagaz, assim que assumiu a gerência de comunicação, acampamento base de sua vertiginosa escalada até o topo, elegeu como braço direito um rapaz tímido, mas muito aplicado, até então sugado e mantido à sombra pela antecessora. Um aliado com o perfil ideal para os planos da Cigana.

Além de organizado ao extremo, Danilo tinha excelente redação, era culto, fluente em inglês e espanhol e sabia como ninguém fuçar e levantar informações. Sua disponibilidade desmedida e lealdade canina inspiravam na chefe uma confiança cúmplice. Trocavam confidências e, através dele, Cátia se mantinha a par das últimas notícias da rádio-corredor. Tinham galgado juntos os degraus do sucesso e, agora, aos 32 anos, era ele o titular da gerência de comunicação. Poucos meses atrás, se mudara com o companheiro, um baiano muito simpático e divertido chamado Lindomar, para um apartamento recém-adquirido no 30º andar do edifício Copan, no Centro da cidade.

Até aquela manhã, a vida abria um sorriso radiante para a Cigana do último andar. Mas nuvens negras surgiam no horizonte e armavam formidável tempestade, cujo potencial destrutivo em muito ultrapassava a capacidade da executiva e o poder da corporação. Nos últimos dias, um problema aparentemente sob controle evoluíra para uma crise que se precipitara na véspera, quando ela e o diretor financeiro foram convocados para uma reunião urgente com o CEO.

*image
not
available*

antecipação a ausência da luz de suas vidas e, ao mesmo tempo, fascinados com a grande novidade, os eleitos ficaram mais dispostos do que nunca a satisfazer as mínimas vontades do ídolo. Ante a perspectiva de verem brilhar com fulgor redobrado a estrela-guia, os mais abastados engordaram as contribuições – sempre que possível, em dinheiro vivo; dólares e euros, de preferência – para a obra de caridade que Valdevald afirmava manter em Bangladesh “graças ao trabalho abnegado de minha doce colaboradora, Irmã Odile”, outra criatura de sua imaginação.

Instalado em imponente casarão de estilo eclético, o Centro para a Evolução Universal – que os frequentadores chamavam de Cantinho do Céu e os mais chegados, apenas de Céu – atraía como ímã endinheirados carentes de atenção e esperança. Um público que só fazia crescer, na megacidade, diante dos horrores veiculados a cada instante na tevê, no rádio e em redes sociais. Atentados terroristas, escândalos políticos e financeiros, epidemias, desastres climáticos, revoluções, genocídios e tragédias ambientais compunham o mosaico macabro de um planeta e uma espécie irremediavelmente mergulhados no caos e na via expressa para a extinção.

“Estamos em plena Kali Yuga, a Idade das Trevas, e a hora do grande acerto de contas se aproxima, meu querido”, costumava dizer, com as sobrancelhas sugestivamente arqueadas, aos que buscavam uma palavra de conforto. “A humanidade chegou ao derradeiro ciclo neste planeta de baixa vibração; só conseguirão vencer esta etapa e alcançar os planos superiores aqueles que estiverem quites com seus carmas e afinados com a vibração dos seres de luz.”

E eram muitas as almas que batiam à porta do Céu a fim de garantir lugar na arca do profeta e escapar da danação eterna. Executivos com os nervos em frangalhos, jovens descrentes das promessas do sistema, idosos esquecidos pelos seus, buscadores da

*image
not
available*

nos tempos da colônia. A mesma pessoa de quem Bob, filho único de uma família tradicional, herdara os vívidos olhos azuis, os modos enérgicos e o corpo alto e esguio, além de uma bela propriedade em Millbrook, ao norte do estado de Nova York. Mas o importante é que, apesar da origem incerta, o dadinho castigado pelo tempo nunca o deixara na mão.

Em nenhum dos volumosos manuais de procedimentos da instituição estava prevista, é claro, a ajuda do invisível. Afinal, eram pessoas racionais conduzindo processos racionais, até porque “dinheiro não aceita desaforo”, como rezavam os operadores do mercado. O que não significa que o recurso às forças ocultas fosse descartado, quando a situação parecia grave o bastante para justificá-lo.

Tanto que, em um ano particularmente ruim para as finanças, os patrões chegaram a mandar vir de Hong Kong, contratada a peso de ouro, a melhor profissional de *feng shui* do mercado, a preferida do exclusivo clube de decoradores de Manhattan. Sua missão: diagnosticar e redirecionar – nesse caso específico, para o pavimento imediatamente superior, onde se instalara um concorrente – os influxos nefastos a que, ao menos em parte, se atribuíam os pífios resultados alcançados e, por consequência, os mirrados bônus distribuídos no semestre anterior. E assim ela fez.

Durante seus cinco dias de trabalho na cidade de Nova York, a jovem e atraente Meili, papisa oriental do descarrego e energização de ambientes bilionários, circulou à vontade pelos escritórios do banco, observada com admiração e a respeitosa distância.

Munida de um inusitado conjunto de instrumentos (trena, bússola, prismas de cristal, pêndulos, varetas radiestésicas e tudo mais que se puder imaginar de útil naquele enigmático ofício), fez e refez medições, avaliou os ângulos de entrada da luz solar, aturdiu com perguntas aparentemente sem nexos um ou outro

*image
not
available*

A verdadeira razão da viagem de Valdevald não se encontrava no outro lado do mundo e de espiritual nada tinha: o objetivo era escapar, enquanto era tempo, da fúria de um pai inconformado com o suicídio da filha caçula. Um desfecho trágico para o que deveria ter sido apenas uma aventura sexual como tantas outras mas, desgraçadamente, se transformara em pesadelo e ameaçava abreviar a passagem do mulherengo pelo mundo dos vivos.

E o apelido “Flautista”, autoatribuído em um lampejo criativo particularmente cruel, tampouco se inspirava na doce e divina figura do Senhor Krishna, como as pouquíssimas alunas que conheciam a brincadeira julgavam ser o caso. Na verdade, Valdevald parodiava o protagonista do triste conto dos Irmãos Grimm – sendo que a história engendrada por sua imaginação doentia não se passava na cidade medieval de Hamelin, mas em São Paulo; e quem ele atraía e dominava com o sopro de seu instrumento mágico não eram ratos nem crianças, mas adultos de todas as idades tão ou mais fáceis de arrebanhar.

Citações capengas em sânscrito duvidoso ou de fontes improváveis, proposições pseudometafísicas e platitudes de todo o tipo, sacadas no momento certo e com a devida impostação, soavam como melodia para os seguidores que, na verdade, sentiam-se privilegiados por terem encontrado neste vale de lágrimas a proteção de um ser tão especial.

Consciente de seu magnetismo, mas avesso a sentimentalismos, ao mesmo tempo em que desprezava a fraqueza e ingenuidade alheias, o Flautista sentia-se grato pelo poder que, gratuitamente, lhe outorgavam. E mais reconhecido, ainda, pela generosa atenção recebida das alunas prediletas – suas *shaktis*, como gostava de chamá-las.

não tardaram em combinar a permuta de aulas particulares por um desconto generoso no aluguel.

Valdevald levou a coisa toda tão a sério que virou obsessão. A certa altura, chegava a dedicar 12 horas diárias às limpezas, posturas e exercícios respiratórios ensinados pelo bruxo cusquenho. Abandonou a bebida e os aditivos químicos, passou a abster-se de qualquer tipo de carne e tornou a purificação do corpo uma ideia fixa. Consumiu em jejum o sumo de milhares de limões, passou um mês inteiro à base de arroz integral e viveu de caldos antioxidantes por períodos de 7, 21 e 49 dias. Não satisfeito, e sempre sob a orientação de seu guru peruano, durante semanas a fio bombeou reto adentro litros e mais litros de água morna, glicerina e misturas variadas (leite com mel, inclusive) – em suma, submeteu-se ao inimaginável a fim de livrar-se das impurezas que, ao obstruírem os canais energéticos do corpo sutil, impediam o avanço na senda da autoperfeição.

Para alívio do mentor, que da filosofia pouco ou nada conhecia, o discípulo não tinha paciência para a leitura nem o mínimo interesse pelos aspectos teóricos – atraía-lhe sim, e como, a possibilidade de adquirir superpoderes. Extasiava-se tal qual uma criança ante o teatrinho de marionetes quando Hector descrevia as proezas fabulosas dos iogues, seres capazes de voar, teletransportar-se e até cruzar, a seu bel-prazer, a fronteira entre os mundos dos vivos e dos mortos.

Valdevald tanto fez que conseguiu. Após alguns anos, percebeu que tinha passado a atrair as pessoas como moscas no açucareiro e se tornara capaz de antever o futuro. Na época, chegou a recordar algo que sua mãe contou ter ouvido de uma comadre com fama de vidente: “Seu menino vai adquirir uma força que pode ajudar ou atrapalhar a vida dele e de muita gente; só depende de como ele usar”.

*image
not
available*

Muita coisa havia mudado desde que se conheceram, ainda jovens, em um baile na pomposa Vassar College, onde Sarah concluía sua graduação em literatura inglesa. A vivacidade, mais do que a beleza da bem-nascida, sofisticada e elegante mocinha loura de olhos verdes e corpo *mignon*, o encantou. Depois de poucos anos de namoro, ela engravidou e decidiram formar uma família.

O casamento, pacato como a região onde haviam nascido, crescido e continuavam a viver, evoluiu de maneira previsível: passada a paixão, o entusiasmo inicial e superada a fase dedicada às filhas, o convívio foi ruindo aos poucos, minado pela flagrante diferença de temperamento e interesses entre os dois. A começar pela vida social, na pequena e endinheirada comunidade de Millbrook e localidades vizinhas, que atraía a mulher na mesma proporção em que afastava o marido.

Bob desprezava a ignorância, a leviandade, os fuxicos, a hipocrisia politicamente correta da maioria dos vizinhos e conhecidos – quase todos, rentistas com a vida resolvida de berço, mas “côncios de sua responsabilidade social”, como gostavam de dizer. No fundo, o Matemático sabia bem, eles estavam muito mais interessados nos prognósticos do mercado financeiro e em uma boa dica de investimento do que em discutir os novos rumos do capitalismo ou a concentração da riqueza mundial. Mas suportou, estoico, as festinhas de aniversário infantis, os cansativos churrascos à beira do lago ou da piscina e as seguidas recepções em casa ou no clube, organizados por Sarah pelos motivos mais fúteis.

Nesses encontros, era inevitável o momento em que os homens, copo de bebida em uma das mãos e charuto na outra, trocavam comentários impúblicáveis sobre os atributos físicos das mocinhas presentes, muitas delas em trajes de banho. Só não iam a julgamento as filhas de quem estivesse na roda, é claro. Bob ficava

*image
not
available*

“Nossa missão é proporcionar colheitas abundantes, saudáveis e seguras com base na ciência e na tecnologia, a fim de assegurar a disponibilidade de alimentos para as pessoas no mundo inteiro”, era a resposta invariável de Cátia Ferrão, em encontros com a imprensa, quando repórteres mais assanhados punham em xeque o propósito do negócio.

Nos últimos tempos, a vice-presidente de assuntos corporativos da filial mais lucrativa da Cronus tinha a impressão de que os jornalistas que cobriam o agronegócio, sobretudo os mais jovens, haviam se investido da missão de salvadores do planeta. Por mais que as empresas se empenhassem em atender bem às demandas por informações ou entrevistas, as matérias saíam quase sempre enviesadas – a Cronus ou suas congêneres retratadas como vilãs; e as pessoas no mundo inteiro como vítimas. Para a executiva, esses jornalistas mais pareciam hienas farejando carniça, ou melhor, ladrões de sepultura ávidos por exumar cadáveres que a ela interessava manter bem longe dos olhos e narinas da opinião pública.

Apesar de ser parte da função fazer cara de paisagem diante de perguntas difíceis e aparentar o máximo de boa vontade em esclarecer, com fatos e números, os assuntos mais delicados – *issues do trade*, no linguajar pretensioso dos comunicadores da indústria –, a executiva tinha cada vez menos paciência com as questões recorrentes levantadas a cada coletiva de imprensa ou videoconferência com investidores.

Como a transparência, prestação de contas e responsabilidade socioambiental eram atributos essenciais do pacote de virtudes com que a companhia se apresentava ao mercado; e demonstrar que eram levados a sério dentro de casa, condição *sine qua non* para

*image
not
available*

com os santos da Igreja e nunca se atreveriam a disputar com os homens o lugar de mando. Ainda assim, a intimidade com o oculto e a capacidade de intervir no destino eram virtudes reservadas sobretudo às representantes do sexo feminino.

Eram tempos difíceis na família de agricultores muito rudes. A irmã mais nova, ainda bebê, fora estupidamente morta pelo pai, que num acesso de fúria etílica jogou a filha do alto da escada. Uma meningite fictícia, sugerida pelo médico que vez por outra visitava a aldeia, foi a justificativa encontrada pelos pais para suas nunca superadas dificuldades na escola – Consuelo se fez na vida e envelheceu analfabeta como veio ao mundo.

Começou a trabalhar aos 6 anos, fazendo pequenos serviços para os vizinhos a troco de comida. Chegou a passar fome com a mãe, depois que o pai abandonou-as e, aos 12, ficou sozinha no mundo. Foi então acolhida pela família de um médico ginecologista que atendia na própria residência, em Santiago de Compostela. A mocinha fazia toda a labuta doméstica: limpava os assoalhos com escovão “até brilharem como espelhos”, cozinhava, lavava e passava a roupa com ferro a lenha, além de manter impecáveis o consultório e instrumentos de trabalho do seu benfeitor.

Nunca reclamou da sina de gata borralheira: pelo contrário, agradecia todos os dias pelas graças recebidas. Mais tarde, quando conseguiu amealhar o bastante para se tornar ela própria a patroa, recordava com nostalgia a adolescência, reconhecida ao menino Jesus e à sua santa padroeira, por lhe terem concedido a proteção de uma família de verdade, gente do bem.

Em 1949, estancada a sangueira da revolução civil e da guerra, deu as caras em Santiago seu tio Manolo, trazendo para a sobrinha uma proposta de casamento arranjado com um rapaz que conhecera no Brasil. Era a oportunidade para uma vida mais digna e Consuelo não pensou duas vezes. Por procuração, Manolo representou José, o noivo que a mocinha de 18 anos conhecia

*image
not
available*

Em todos os seus *cases* de sucesso, valera-se das mesmas cartas do surrado baralho do ofício, que servia tendo em vista os interesses do cliente e os da agência – não necessariamente nesta ordem. As técnicas do *spinning*, ou manipulação da verdade, de inovadoras, mesmo, nada tinham: quando a imagem e a reputação estão em risco, a estratégia básica é explorar ao máximo os ângulos favoráveis da questão, cuidando o tempo todo de amenizar e, se possível, suprimir os desfavoráveis.

“O que importa não são os fatos, e sim, como são percebidos”, pontificava Jonnie, como o chamavam os íntimos. Concebia a opinião pública como uma massa difusa de pessoas ingênuas prontas a engolir, sem mastigar, os pratos que ele e seus colegas preparavam e punham à mesa com esmero.

Considerações éticas entravam no cardápio para adornar histórias virtuosas, bem ao gosto dos cidadãos politicamente corretos, por quem nutria sentimentos ambíguos: ao mesmo tempo em que os desprezava pela tola pretensão ao monopólio da virtude, também era grato por estarem o tempo todo atualizando o glossário onde os cérebros da casa iam buscar os termos e expressões ideais para engabelar as massas.

Os políticos e a imprensa, a despeito de todo o seu poder de influência, constituíam um grupo relativamente fácil de lidar, desde que se abrisse o cofre. Notícias escandalosas sobre temas de interesse coletivo podiam sumir dos debates em plenário e das manchetes dos jornais após meia dúzia de telefonemas ou conversas pessoais reservadas, conforme a gravidade da questão. Quanto mais explosivo o assunto, mais cara a resolução, apenas isso.

O caroço do angu era um terceiro contingente de formadores de opinião, os paladinos da justiça social e do meio ambiente, os engajados na luta contra as iniquidades do mundo. Até bem pouco tempo atrás, essa turminha de encenqueiros mal era ouvida pelos

*image
not
available*

cabia à agência das verbas extras que sempre surgiam, como por milagre, nas horas do sufoco – e era seu dever continuar a trabalhar para que parte delas escoasse nos cofres da casa. Mas nem todos os executivos se deixavam intimidar e a brasileira danada era, entre todos os clientes, um dos ossos mais duros de roer.

Até que admirava o charme e a competência de Cátia Ferrão (que passou a chamar de Kathy, quando percebeu que isso a tirava do sério), respeitava-a pelo inglês correto e culto, como também pelo jeito habilidoso de rejeitar as propostas iniciais da agência e dar novo encaminhamento às questões, sempre na direção certa e mais econômica para a Cronus. O *cascalho*, que era bom, não era fácil de extrair daquela mulher que lembrava uma cigana.

Desde que haviam sido brifados pela cliente e o assunto entrara no radar da Chimera, Jonnie e seus colaboradores mais próximos – os diretores de planejamento, Bruce Tarrant, e de operações, Trevor Robins, únicos na agência por dentro do imbróglio – vinham trabalhando, literalmente, nos bastidores. Nos círculos formadores de opinião tradicionais, construir razoável consenso sobre a segurança dos produtos baseados nos neonicotinoides, princípio ativo de última geração e carro-chefe das vendas do cliente, era uma tarefa usual. Mas no caso que tinham em mãos, o desafio era navegar com segurança no emaranhado de túneis da Deep Web, onde cada clique do *mouse* lembrava a curva de um trem fantasma e coisas inquietantes não paravam de acontecer. Aquele era um mundo próprio, perigoso, hostil ao sistema e a suas crias – sobretudo, gente como eles, seres abomináveis a serviço do *business as usual*.

As últimas recomendações da agência, que Cátia acatara sem discussão, envolviam a contratação de serviços de inteligência oferecidos por parceiros da Chimera (quase todos, egressos do MI5 e agências similares), além da formação de um comitê de crise

*image
not
available*

correias industriais produzidas na empresa fundada pelo avô. Após concluir com louvor o curso de Direito na PUC, ela tinha feito uma pós-graduação na Alemanha sobre direitos da mulher.

Havia dois anos, fora contratada por um escritório de advocacia suíço, especializado em causas humanitárias. Morava sozinha em Zurique, num prédio tranquilo diante do lago, e ganhava um bom dinheiro. Vinha ao Brasil pelo menos duas vezes por ano; desta última, para uma reunião com um novo e importante cliente.

Diante de perfil tão instigante e do discreto inquérito que, por sua vez, teve de responder – se era casado, se tinha filhos, se já conhecia a Suíça, se quem sabe não poderiam se reencontrar quando ele retornasse da Índia, entre outras sugestivas indagações –, o Flautista cogitou seriamente em desembarcar na escala e ficar por ali mesmo. Mas tinha alguns poréns: não falava alemão, era alérgico a queijo e chocolate e achava sem graça, pelo pouco que dela conhecia, a terra dos banqueiros e relojoeiros.

Além do mais, a essa altura, a perspectiva do retorno triunfal ao Cantinho do Céu e às suas *shaktis*, após uma mística temporada no Oriente, se tornara o alimento da alma, o único consolo para toda essa aporrinhão. Tinha um sério problema para resolver e qualquer distração poderia lhe custar a pele. Em todo caso, guardou os telefones e o endereço de Ingrid, prometendo dar as caras.

“Não deixe de ligar daqui do aeroporto, quando voltar da Índia, ok?”, ela insistiu, ao se despedirem à saída do avião. “Se eu estiver em Zurique e com a agenda tranquila, quem sabe não te convenço a conhecer com mais calma a cidade?” A baixinha era gostosa e prometia, mas não ia ser desta vez.

*image
not
available*

“Bem que aquele sacerdote escocês de ontem podia ajudar a avivar meu fogo *kundalini* logo mais... Que pernas, que cabelos, que olhos! Mal consegui me concentrar na cerimônia”, suspirou, provocando gargalhadas.

“Não me levem a mal, queridinhas, mas não trocaria nenhum desses meninos fantasiados de druidas por aquela fadinha loura que pôs fogo na pira e puxou os cânticos. Com ela eu me casava, formava família e seria feliz para sempre. Que espetáculo de garota!”, foi a vez de Corinne, animada, colocar sua brasa na conversa.

“Mas e o seu marido, será que ia gostar da ideia, Gudrun?”, provocou a brasileira Ângela, ignorando o comentário da francesa bem ao seu lado.

“O que está longe dos olhos o coração não sente. E se ele não está aqui pra cuidar da mulher dele, é porque preferiu ficar rindo das mesmas piadas machistas, na mesa de pôquer com aqueles babacas da turminha dele”, replicou a assanhada de cabelos de fogo.

“Meu Deus, será que esses homens são mesmo todos iguais, no mundo inteiro? Até quando a gente vai ter de suportar isso?”, exclamou Shantala, a indiana e provável caçula do grupo. E fez seu desabafo, narrando uma série de abusos cometidos contra as mulheres em seu país. Contou como, por imposição da cultura local, as mais “sortudas” eram não raro condenadas a uma vida passiva e submissa, praticamente trancadas em casa à disposição do marido e da família dele. Falou dos casamentos forçados de mocinhas românticas e sonhadoras com homens por vezes brutos e insensíveis, encerrando o discurso com os frequentes casos de estupro e humilhação, aos quais parte considerável de seus conterrâneos parecia fechar os olhos.

“Caramba, pelo que estou ouvindo, o machismo na Índia é bem pior do que na minha terra, amiga”, arrematou Ângela,

*image
not
available*

o patife da vez, fora responsável pela ruína de diversas mulheres na pequena cidade onde operava suas falsas curas espirituais. Ferira com o ferro e com o ferro fora ferido. Mais um inimigo que as Filhas de Shani tinham exemplado e tirado de combate.

Um novo acerto de contas ia acontecer no Brasil e estava prestes a ser consumado. A lebre fora levantada com relativa facilidade por Vera, instigada pela conversa reveladora ao redor do fogo em Stonehenge. O alvo vivia em São Paulo, tinha 52 anos e se chamava Diego Velasquez Caravaca.

15

De início, a ideia parecia absurda para uma mente racional como a dele. Mas muita coisa mudara na cabeça do Matemático desde que, aos 62 anos, fora acolhido naquele grupo ultrasseleto do qual era o caçula: os outros seis companheiros, juntos, somavam exatos 458 anos de saber. Todos reconhecidos como sumidades internacionais nas áreas a que haviam dedicado vidas inteiras de estudo e pesquisa.

Da primeira vez que esteve com aqueles senhorzinhos, achou graça nas vestes brancas de algodão que usavam, embrulhadas e atadas em torno das pernas e dos quadris. Não demorou muito para aderir, ele também, ao *dhoti* e às sandálias de couro rústico como traje único. No calor das monções, agradava-lhe a sensação da brisa ocasional refrescando as coxas e a virilha que, mesmo livres das meias, calça e cueca, estavam sempre molhadas de suor.

Os simpáticos velhinhos, com suas pernas finas e vergadas, inseparáveis da bengala e dos óculos de armação metálica ou de tartaruga e lentes muito grossas, creditavam ao Pandit Kapila,

políticas e prisões arbitrárias de oponentes do regime até genocídios, tudo isso em pleno século XXI, perpetrados por criminosos que usavam o sistema financeiro oficial como fachada para movimentar bilhões e bilhões de dinheiro sujo.

Era com um misto de assombro, incredulidade e uma ponta de orgulho que Bob relembrava, nos anos seguintes, o momento da decisão mais radical de sua vida – provavelmente, na vida de qualquer mortal. À diferença de todas as anteriores, ele a tomara num impulso e sob forte comoção; dificilmente poderia ter sido de outra forma, para um sujeito pouco afeito a aventuras. Em retrospecto, o que mais o espantava era o pouco que conhecia de si: o grau de insatisfação com o trabalho e o casamento, camuflado pela rotina árida e amenizado apenas pelos ganhos fabulosos que classificava, displicentemente, como “um dia bom”.

Naquele 11 de setembro redentor, após perambular por quase duas horas no rumo norte, boa parte do trajeto pelas alamedas do Central Park, deu-se o estalo: era agora ou nunca. Em uma casa de penhores do Harlem, deixou o relógio, o prendedor de gravata e as abotoaduras para, após tensa negociação, arrancar 40 mil dólares do imenso *hassidim*. Ainda na Amsterdam Avenue, nos fundos de um salão de sinuca frequentado por seu amigo engraxate e por ele citado em mais de uma ocasião, pôs 25 mil nas mãos de um fuinha ruivo de barba rala e olhos amarelos, que lhe prometeu certidão de nascimento, carteira de habilitação e passaporte guatemaltecos genuínos – poderia ter poupado 15 mil, se optasse por um passaporte “descascado”, como os artistas do ramo chamam o documento reciclado; mas prevenido, optou por zero problemas futuros. Passou anônimo e tão invisível quanto pôde, em uma pousadinha em Shelter Island, os trinta dias necessários para a confecção dos documentos. Já na pele de Daniel Jones Gonzalez, filho de pai americano e mãe guatemalteca, viajou de Nova York

*image
not
available*

com as companheiras. Bruna bem que tentara ajudar e saber o que estava acontecendo, mas respeitara o silêncio da outra.

Ela não podia imaginar que a madrinha sabia de tudo e mais um pouco sobre Eleonora. Com o auxílio de uma colaboradora infiltrada na academia e em conversas reservadas com os pais e amigas da mocinha, Vera reunira informações preciosas sobre os bastidores do Centro e os malfeitos do guru. Mas nada podia revelar a Bruna, pois o sucesso das Filhas de Shani e o próprio futuro da causa dependiam de sigilo absoluto. Ela guardava na bolsa a última carta de Eleonora, manuscrita em linhas trêmulas e recheadas de emoção, que encontrara ao vasculhar, sob o olhar atônito dos pais, o guarda-roupa da jovem suicida.

Minha amada, querida maninha Bruna,

Se algum dia você chegar a ler estas palavras, há muito já estarei entre os Anjos Celestiais, cercada de Energia, Paz e Amor – e orando por você e nossos irmãozinhos do Céu.

Sei que os Guias Invisíveis perdoarão a minha fraqueza e me ajudarão a atravessar as sombras para reencontrar o Caminho da Luz.

Quem sabe tornarei a estar, no plano espiritual, com meu amado filho e de Val?

Confio no conselho dele e o perdoo, mas queria muito este filho. Como tirar uma vida? Eu não aguentei a culpa.

Espero que também perdoem e iluminem nosso querido Mestre.

Quis a Providência Divina que as coisas acontecessem assim, apenas isso.

Quando as trevas invadiram o meu caminho, pensei algumas vezes em dividir o que sentia com você, irmãzinha, minha única grande amiga. Mas não tive coragem de perturbar a vida de ninguém com os meus problemas, não seria justo.

*image
not
available*

tropeiro de mulas iluminadas e sua quadrilha já estavam sendo investigados pelas autoridades de vários países, o que o colocara temporariamente a salvo das Filhas de Shani.

Não se conteve e clicou novamente no vídeo do finlandês com olhos de husky siberiano, que tornou a assistir de ponta a ponta – desta vez, sem um pingão de compaixão. Perguntou-se como e com que recursos o material fora produzido, quantas e quais pessoas teriam sido envolvidas e se haviam tomado as devidas precauções para não se exporem.

Para a jovem advogada, indivíduos como Aleksí e Diego eram o mal encarnado, células cancerosas no tecido social que tinham de ser extirpadas. Estava determinada a fazer o que estivesse ao seu alcance para ajudar as Filhas de Shani a levar a cabo sua missão sem serem molestadas pela Justiça.

18

Debilitado pela febre, que surgia de manhã e aumentava com o passar das horas, as cólicas e diarreia incessantes que só faziam piorar e o mantinham em crescente estado de alerta, o Flautista mal conseguia suportar o desconforto do ônibus de quinta categoria, avançando aos trancos e barrancos pelo caminho estreito e sinuoso. Em função do festival religioso, fora a única condução onde conseguira assento livre para chegar à capital da Caxemira.

Consolava-o saber que, após mais de oito horas e quase 500 quilômetros de solavancos, estavam finalmente perto do destino. Seus ruidosos companheiros de jornada havia muito tinham desistido de puxar conversa com o sujeito esquisito e caladão, que

*image
not
available*

Com o tempo e as vicissitudes da vida, acabou se tornando uma pessoa cínica e indiferente à dor do mundo.

Nos tempos de faculdade, quando os ânimos na mesa do bar se exaltavam em torno de questões filosóficas, éticas ou políticas, só entrava na discussão para contemporalizar e suas relativizações exasperavam os colegas.

“Não existe verdade absoluta, nem certo ou errado. Em toda situação, sempre há vencedores e perdedores. Mesmo que Deus queira o bem para todas as criaturas, quando ele dá uma graça a uma pessoa deve estar ferrando outra, ou não? Se alguém ganha, outro tem de perder. O bem ou o mal só dependem do ponto de vista de cada um. Quem somos nós para julgar?”

Foi na rádio, em Campos, que a Cigana aprimorou esse outro dom, o do sofisma, e aprendeu a sobreviver no ofício da comunicação. Espremida no jogo de interesses entre patrões, anunciantes e poderosos da vez, volta e meia era obrigada a sacrificar os anseios do ouvinte e da coletividade para garantir o emprego e o salário no final do mês. Tinha contas a pagar e um sonho a realizar, não deixaria nada nem ninguém se intrometer.

Considerava ingênuos e contraditórios, quando não intelectualmente desonestos, os jornalistas da ala engajada da redação, os guardiões do pensamento politicamente correto, da justiça social e da defesa da natureza. Evitava demonstrar, mas os via como um bando de hipócritas e oportunistas; pessoas que, apesar do discurso pomposo e solidário, não hesitavam em jogar sujo ou sacrificar um companheiro de trabalho para subir na vida e satisfazer as ambições burguesas que tanto diziam desprezar.

Achava exageradas as críticas que faziam da sociedade de consumo e do capitalismo e não tinha paciência para o discurso inflamado com que sublinhavam suas ideias radicais, fosse para citar ditaduras assassinas entre modelos de justiça social ou para

*image
not
available*

vida e ambiental... Sempre as mesmas ênfases, nos textos perfumados que Cátia aprovava sem titubear, para atender a conveniências políticas e satisfazer o orgulho do público interno – dos acionistas, sobretudo.

Para a Cigana, o *business as usual* e a obsessão por resultados não tardariam a encontrar seus limites. Nesse momento, o que o mundo dos negócios mais precisava eram executivos conscientes, destemidos, dispostos a pegar o touro à unha. Mulheres e homens preparados e capazes, mais preocupados com as futuras consequências de suas escolhas do que com a bênção do patrão, o currículo de glórias ou os bônus por desempenho. Pessoas bem diferentes dela e de seus colegas, enfim.

Durante o mandato de Cátia, diversos produtos da Cronus e da concorrência tinham sido retirados do mercado, na Europa e nos Estados Unidos, após muita luta de entidades ambientalistas e de defesa do consumidor, diante das evidências de contaminação do solo e dos recursos hídricos, além do crescimento das taxas de mortalidade por câncer nas populações rurais, entre outras. Mas a indústria nunca assumia a responsabilidade: a cada denúncia, alegava que o problema acontecera por uso indevido do produto ou por falta de equipamentos de segurança. A culpa era do usuário, em suma, e as histórias terminavam sem maiores consequências.

Para piorar, nas pesquisas de imagem conduzidas pela indústria, sempre eram altos os índices de favorabilidade das empresas na avaliação dos públicos, sobretudo no tocante à geração de emprego e renda e à contribuição para o desenvolvimento econômico e social. Afinal, havia décadas que nenhuma atividade produzia tanta riqueza para o país quanto o agronegócio, e as sementes transgênicas e os defensivos respondiam por boa parcela desse sucesso. Uma verdade que o *chairman* da Cronus e também da Agro&Vida – a associação que defendia os interesses do setor – sabia explorar como ninguém.